

## **PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO-CONVENCIONAIS E PEQUENOS AGRICULTORES**

Coordenador: PAULO BRACK

Autor: Rodrigo Endres Ardissonne

Existe um enorme potencial de plantas nativas brasileiras para a alimentação humana. Segundo Kinupp (2007) ocorrem 312 espécies de plantas alimentícias não convencionais (PANC) na Região da Grande Porto Alegre, nativas ou adventícias, em grande parte hortaliças e frutíferas, o que corresponde à cerca de 20% da oferta de todas as plantas que ocorrem naturalmente na região. No que se refere a plantas frutíferas para a espécie humana, ocorreriam no RS mais de 140 espécies, com uso atual ou potencial. As frutíferas apresentam enorme importância, sendo consideradas como alimento funcional, apresentando uma série de compostos anti-oxidantes e vitaminas, muitas vezes com substâncias nutraceuticas, com índices acima das frutas convencionais. Esta oferta se dá não somente pelo fruto in natura, mas também pelo uso de subprodutos, no caso de compostos em bebidas (licores, sucos), geléias, doces, sorvetes, picolés, condimentos, entre outras formas. No Brasil há alguns trabalhos sobre fruteiras nativas (Hoehne 1946; Andersen & Andersen, 1988; Lorenzi et al. 2006) e sobre plantas úteis em geral (Corrêa, 1926-1978). No Rio Grande do Sul, merecem destaque os trabalhos pioneiros de Mattos (1954, 1978, 1988) e Sanchotene (1988), este último enfocando espécies frutíferas com utilidade para a fauna na arborização urbana. Quanto às espécies de hortaliças espontâneas utilizadas na alimentação, temos trabalhos de Rapoport et al. 1997, como os mais importantes para o continente americano. Apesar da riqueza de espécies nativas, existe carência de estudos quanto à sua aplicação, pelo menos no Brasil. Várias espécies frutíferas do Rio Grande do Sul são utilizadas em países de outros continentes, tendo sido levadas também de nosso País, com grandes ganhos econômicos para os países do chamado Primeiro Mundo. Tal uso estrangeiro, sem controles, é considerado como biopirataria, sendo, infelizmente, comum, atingindo centenas de espécies brasileiras. As plantas nativas são pouco valorizadas na alimentação humana não somente no Brasil, mas na América do Sul como um todo e na maior parte do Mundo. Os programas governamentais concentram incentivos para a alimentação humana e animal, ou para a exportação de alimentos, em grãos e cereais, convencionalmente exóticos, apesar de nossa enorme riqueza em frutas tropicais, hortaliças, nozes e castanhas. Faltam programas de divulgação deste recurso negligenciado. Pesquisadores ligados à Faculdade de

Agronomia e ao Departamento de Botânica da UFRGS vêm iniciando alguns estudos sobre estes aspectos, tendo gerado relatórios com resultados para publicação pelo programa PROBIO, ligado ao Ministério de Meio Ambiente, no Projeto Plantas do Futuro da Região Sul, coordenado pelo professor Ademir Reis, da Universidade Federal de Santa Catarina. A atual proposta tem continuidade com as atividades já desenvolvidas pelo Grupo Viveiros Comunitários, que reúne acadêmicos, principalmente do curso de Ciências Biológicas da UFRGS, desde 1997 e desenvolve atividades de Viveirismo e Educação Ambiental. No que se refere à aplicação deste conhecimento, no momento, uma linha de ação desenvolve-se no Centro de Formação de Agricultores e Produção de Alimentos São Francisco de Assis - ligado ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), no município de Santa Cruz do Sul. A região é marcada pelo cultivo intensivo de tabaco, com altíssimo consumo de agrotóxicos. O projeto trata de estudos e práticas de viveirismo neste centro de formação de agricultores, visando estreitar os laços de diálogos entre a academia e os trabalhadores do campo. Considera-se que o conjunto de conhecimentos dos camponeses, em relação às PANCs, incluindo plantas medicinais, seja muito rico, com boas perspectivas de trabalho em conjunto com a academia. Os estudantes e professores de Biologia e Agronomia trazem a teoria da conservação da biodiversidade, no caso do que se pode chamar de "biodiversidade pela boca", enquanto os agricultores trazem seus saberes práticos e suas demandas por mais sustentabilidade em suas ações no campo, justamente em uma região muito conflituada pela dependência de grandes indústrias fumageiras lá estabelecidas. Trata-se de uma forma estratégica a prática da inclusão de biodiversidade nos sistemas produtivos agrícolas e na dieta camponesa através de vivências, seminários e saídas a campo na região, realizando assim ações coletivas que busquem valorizar a flora nativa, o desenvolvimento da agricultura familiar e o incentivo ao agroextrativismo e ao paisagismo produtivo. Em levantamentos preliminares, a partir de espécies nativas e adventícias avistadas, coletadas ou que ocorrem natural e espontaneamente na região, e relacionando estes dados com os referentes a usos alimentícios, foi gerada uma tabela com mais de 60 espécies recomendadas ao cultivo por pequenos agricultores em SAF's. Cabe ressaltar que estas espécies já estão presentes nos cultivos, entretanto não recebem o devido valor, tampouco são consumidas como poderiam. As análises quanto a potenciais paisagísticos e usos medicinais ocorrem integradas ao alimentício, sob a perspectiva de um paisagismo produtivo e mais funcional. Diversas espécies apresentam mais de um uso, sendo ornamental e comestível, ou medicinal e recuperadora de áreas degradadas, por exemplo. Poder-se-ia destacar as espécies frutíferas da família Myrtaceae, em especial o araçazeiro (*Psidium cattleianum*), a pitangueira (*Eugenia uniflora*), a uvaia (*Eugenia*

pyriformis), a cerejeira-do-mato (*Eugenia involucrata*), o guabiju (*Myrcianthes pungens*) como plantas estratégicas, bem conhecidas, e que poderiam abrir espaço para o tema do incremento do plantio de espécies frutíferas nativas, para várias finalidades, em Santa Cruz do Sul. O Butiazeiro (*Butia capitata*) e a palmeira-jussara (*Euterpe edulis*) também são espécies de uso alimentício e de alto potencial ornamental, pouco propagadas e cultivadas comercialmente. Revela-se um grande potencial produtivo o uso destas e das outras tantas dezenas de frutíferas em sistemas agroflorestais com diversidade (SAF's), característicos de várias práticas de agricultura familiar brasileira, incluindo-se também seu uso ornamental e frutífero no meio urbano (Sancho 1998). Pesquisas referentes a hortaliças "daninhas" mostram grande potencial agroextrativista, visto que ocorrem espontaneamente e possuem considerável diversidade. A resignificação destas plantas, ou seja, de como se interpreta esta biodiversidade negligenciada, revela conteúdos bem importantes, com altos níveis protéicos, mucilaginosos e condimentares para determinadas espécies, além de toda uma riqueza de sabores, texturas e consistências pouco experimentadas pela maioria da população. Neste aspecto, podemos destacar uma série de plantas como o almeirão-do-campo, o dente-de-leão, a serralha, a bortalha, a ora-prónbis, a tanchagem, entre outras, merecem ser trabalhadas e incrementadas. Estamos dando continuidade ao início da publicação de um guia contendo pelo menos cinquenta espécies vegetais nativas e adventícias para Santa Cruz do Sul, RS, com uso tradicional ou potencial alimentício, medicinal e paisagístico.